

Dossiê: A escrita autoteórica como procedimento feminista

Desde meados do século passado, pelo menos, tem havido, por parte de diversas intelectuais, esforços sistemáticos de autodefinição do que seria ser mulher, empenho efetivado, muitas vezes, por meio de delimitações mais restritas referentes a raça (ser mulher negra, indígena), classe (ser mulher trabalhadora, periférica), gênero (ser mulher cis ou trans) e sexualidade (ser mulher lésbica, bissexual) - ou, ainda, o atravessamento entre elas (Lorde, 2023 [1980]). A necessidade de autodeterminação desses agrupamentos, ainda que tenha produzido, eventualmente, retratos coerentes e uniformes de conjuntos internamente heterogêneos, foi assumida e justificada em virtude de razões, sobretudo, político-sociais: pela importância, como diz Patricia Hill Collins (2019 [1990]) de estabelecer “espaços seguros” a partir dos quais grupos oprimidos pudessem não apenas se autodefinir, mas expressar sua voz e, com isso, criar mecanismos de resistência, individuais e coletivos, à opressão das definições de fora atribuídas pela ordem dominante.

Essa iniciativa suscita uma série de problemas que não são fáceis de lidar e direcionar, relacionados ao estatuto epistemológico de uma forma de conhecimento de si e do mundo localizada, particular e consciente dos impasses dessa situação. Em artigo publicado na *Signs: Journal of Women In Culture and Society* (1993[1986]), Sandra Harding lança uma questão que nos permite considerar esse esforço de autodefinição proposto por Hill Collins por outro prisma, quando ela se pergunta: é possível estabelecer uma epistemologia feminista? Se a categoria do “homem *universale* essencial” como pressuposto da elaboração científica moderna se revelaria um engodo, uma teoria feminista unificada e coerente não repetiria os mesmos erros e presunções do pensamento ocidental? Para refletirmos junto à escritora Virginia Woolf, em sua defesa da instauração de uma mente andrógina algumas décadas antes de Harding, essa atitude uniformizante pode ser entendida como uma forma de aderir à sanha da linguagem masculina de se colocar exclusivamente na posição de sujeito, de nomear e, com isso, objetificar o feminino e o outro (Pinho, 2014). Teóricos do pensamento queer têm levado adiante essa recusa de uma delimitação unidirecional torcendo ainda mais o argumento em favor do abandono das definições estanques que acompanham o conceito de “identidade”, a fim de permitir o movimento constante e fluido entre o familiar e o estranho, o dentro e o fora, direcionando um olhar de fato produtivo a este ponto delicado das existências de sujeitos que performam gêneros e sexualidades consideradas fora da norma; um lugar de difícil demarcação onde “[...] o limite do guarda-chuva cede lugar à amplitude do espaço aberto” (Nelson, [2015] 2017, p. 83).

Com este dossiê, propomos reunir artigos que reflitam sobre o lugar da escrita como forma de dar sentido às experiências, sempre plurais, da mulheridade, como esforço de autodefinição ou como aposta na dispersão. Como avaliou Judith Butler (2019 [1988]) partindo da ideia de desbiologização do gênero

(2009 [1949])apresentada décadas antes por Simone de Beauvoir, os gêneros são “atos formadores” instituídos por certa “estilização” do corpo que, em sua natureza iterativa e performática, produzem identidades ilusórias. Com isso, a autora nega o caráter ontológico do gênero, o que possibilita outras repetições e performances para além de sua relação com a sexualidade.

Nesse sentido, consideramos acertado o argumento de Lauren Fournier (2021) que considera a autoteoria um modo de reflexão extremamente útil ao pensamento feminista, à medida que escapa às ambições de universalização sem abrir mão da acuidade conceitual. Assim, a potencialidade mutável e imprevisível do gênero é tomada, aqui, como impulso teórico, estimulando formas de narrar que não interditam a circunstância particular da enunciação, mas reverberam, como crava Hartman (2022 [2020], p. 57), “a língua fugitiva dela”. No processo de compor-se e reinventar-se narrativamente o ato da escrita assume afinidades produtivas com a própria ideia de gênero em sua dimensão performática.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1949.

Organizadores e vinculação institucional:

Patrícia da Silva Reis Marques - Professora Adjunta no Departamento de História e Relações Internacionais - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Clarissa Mattos Farias - Professora Substituta do Instituto de História - Universidade Federal do Rio de Janeiro